

ASPECTOS DO PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO BRASILEIRO NA PERSPECTIVA SECULARIZADA

ASPECTS OF PENTECOSTALISM IN THE BRAZILIAN ASSEMBLY IN THE SECULARIZED PERSPECTIVE

Braitner Silva Gonçalves^()*
*Paulo Jonas dos Santos Júnior^(**)*
*Magno Lessa do Espírito Santo^(***)*

Resumo

Em pouco mais de cem anos de fundação a Assembleia de Deus se tornou a maior igreja evangélica do Brasil. Entende-se que a urgência missionária atribuída ao movimento pentecostal, a ênfase na cura divina, a atualidades dos dons espirituais e a mensagem escatológica, contribuíram para que essa denominação alcançasse esse grande crescimento. Nota-se que a capacidade de adaptação e dinamismo dessa igreja foi fator preponderante para que a ação de propagação do evangelho alcançasse êxito em uma sociedade permeada por atualizações em seu estilo de vida; nesse caso, destaca-se o papel da secularização, que gradativamente corroborou desapego à religiosidade. Para tanto, no contexto brasileiro essa instituição religiosa, ao longo do tempo, tem cumprido um papel de agregar dignidade social e empoderamento discursivo, levando muitos marginalizados a terem novas perspectivas sociais.

Palavras chaves: Assembleia de Deus. Pentecostalismo. Religião. Secularização. Urbanização.

Abstract

In just over a hundred years of foundation, the Assembly of God has become the largest evangelical church in Brazil. It is understood that the missionary urgency attributed to the Pentecostal movement, the emphasis on divine healing, the relevance of spiritual gifts and the eschatological message, contributed for this denomination to achieve this great growth. It is noted that the adaptability and dynamism of this church was a preponderant factor for the action of spreading the gospel to achieve success in a society permeated by updates in its lifestyle; in this case, the role of secularization stands out, which gradually corroborated detachment from religiosity. Therefore, in the Brazilian context, this religious institution, over time, has played the role of adding social dignity and discursive empowerment, leading many marginalized people to have new social perspectives.

Keywords: Assembly of God. Pentecostalism. Religion. Secularization. Urbanization.

^(*)Graduado em Teologia pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Contato: tuinlan4@gmail.com.

^(**)Pós-Doutor pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); Doutor em Planejamento Regional e Gestão da Cidade pela Universidade Cândido Mendes (UCAM/Campos-RJ); Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). Bolsista CAPES. Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna-RJ (UNIFSJ). Contato: paulojsjunior@hotmail.com

^(***)Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Contato: magless@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a trajetória da igreja Assembleia de Deus no território brasileiro. A partir de uma proposta de anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, a denominação conseguiu, até o presente momento, ser a maior igreja evangélica do país. Nessa perspectiva, em pouco mais de cem anos, mesmo enfrentando obstáculos como a secularização, a Assembleia de Deus do Brasil se tornou um símbolo do pentecostalismo em todo o mundo.

No Brasil, a agremiação conseguiu se estabelecer, mesmo enfrentando as investidas da secularização, processo natural experimentado em diversas sociedades e que predominantemente se instala diante da industrialização e a urbanização; essa pode levar a coletividade a passar por transformações sociais e culturais. Diante disso, busca-se responder a seguinte sentença: como a Assembleia de Deus conseguiu ter êxito em um ambiente que passava por substanciais transformações devido ao processo da secularização?

A princípio, este estudo expõe um panorama histórico da chegada de dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, vindos dos Estados Unidos da América, com a proposta da urgência e efervescência missionária. Em seguida, observa-se que a vinda dos fundados da Assembleia de Deus para o Brasil é fruto das experiências espirituais vivenciadas no movimento pentecostal nos EUA. Igualmente, é possível que parte do sucesso dessa igreja repouse na instalação nas regiões periféricas das cidades, aproveitando movimentos migratórios no território deste país como: o ciclo da borracha no Norte, a industrialização e a urbanização no Sudeste.

Este estudo fez uso da metodologia conhecida como revisão bibliográfica, não tendo a pretensão de esgotar o assunto. Foram utilizados para a pesquisa, materiais como artigos e obras literárias que abordam de maneira específica a temática discutida. Autores como Harvey Cox, David Mesquiat Oliveira e Maxwell Pinheiro Fajardo, Gedeon Freire de Alencar, Osiel Lourenço, Micea Eliade, foram constantemente recorridos.

2 MISSÃO ASSEMBLEIANA NA PERSPECTIVA URBANIZADA BRASILEIRA

A instituição religiosa Assembleia de Deus (AD) é uma expoente do movimento pentecostal no território brasileiro. É a maior igreja evangélica do Brasil, e sua história é marcada pelo grande crescimento alcançado por meio da ação de propagação do evangelho de Jesus Cristo. De acordo com Fajardo (2015, p.13) “a Assembleia de Deus é a maior denominação evangélica e o segundo maior grupo religioso do país segundo os dados dos últimos Censos, perdendo em números apenas para a Igreja Católica”. Ele ainda acrescenta que “são mais de doze milhões de brasileiros que se declaram membros desta agremiação que em 2011 completou seu primeiro centenário de fundação”. Alencar (2012, p.15) também fala sobre os dados da última pesquisa nacional: “Segundo o Censo de 2010, são 12.314.410 de assembleianos esparramados por este brasilsão”. Estima-se que os números atuais sejam ainda maiores¹.

Os fundadores da igreja AD, Daniel Berg e Gunnar Vingren, tiveram experiências pentecostais nos Estados Unidos da América e vivenciaram uma urgência e efervescência missionária atribuída ao movimento pentecostal; tal movimento tem como ênfase a atualidade dos dons espirituais, a busca da cura divina e a propagação da mensagem escatológica. Sobre isso, Fajardo (2011, p. 408) diz:

Ambos os missionários eram de procedência batista. Embora fossem suecos, se conheceram em uma conferência pentecostal em Chicago (EUA) em 1909. Haviam migrado para lá alguns anos antes, em consequência da crise sueca e da “febre pelos Estados Unidos” do início do século XX. Em Chicago tomaram contato com o pentecostalismo, movimento religioso em expansão no início do século XX, cuja principal ênfase estava no batismo com o Espírito Santo, experiência caracterizada pelo falar em línguas estranhas (fenômeno da glossolalia). O pentecostalismo também enfatiza a cura divina e a mensagem escatológica”.

É nesse contexto de grande efervescência do pentecostalismo na primeira década do século XX que Berg e Vingren, após se conhecerem na Igreja de Durham em Chicago, passaram a nutrir o desejo de também se tornarem missionários (FAJARDO, 2015). Vingren se viu chamado por Deus para viajar ao Brasil em 1910 em uma reunião de oração na casa de Adolfo Ulldin. Assinalando o profetismo² dentro do movimento pentecostal. Berg (1995, p.53) relata:

¹ Até a conclusão desse texto os dados do IBGE mais atualizados eram os do ano de 2010.

² No sentido bíblico, profetismo é a capacidade de ler criticamente a realidade e confrontá-la com a revelação recebida de Deus. Os profetas inspirados pelo Espírito tinham preocupações com a vida da sociedade (Isaiás, Amós, Miqueias, para citar alguns). Eram reformadores sociais. A partir da realidade

Pouco tempo antes, um pequeno grupo e perseverante grupo de oração havia se reunido em sua casa. Deus, ali, revelara a esse homem que Gunnar tinha um chamado missionário para o Brasil. Agora, algumas pessoas buscavam uma revelação do Senhor. Que Ele lhes mostrasse o caminho e traçasse-lhes o futuro. Ali - na cozinha - o Espírito do Senhor veio de forma poderosa sobre Adolf Ulldin, usando-o para intermediar a mensagem sobre o chamado missionário de Daniel, também para o Brasil. Claro como a luz, ele via a palavra “Pará”, entendeu ser o nome de alguma cidade.

Ao chegarem ao Brasil os missionários suecos foram recebidos pela igreja Batista de Belém do Pará, como obreiros auxiliares e ficaram alojados no porão da mesma. Entretanto, as novas experiências trazidas dos Estados Unidos da América contrastaram com a doutrina aplicada pela então igreja anfitriã. Corriqueiramente “após os cultos na Igreja Batista algumas pessoas procuravam aos missionários no quarto em que dormiam e pediam-lhes orações. Acontecia sempre um novo culto em seus aposentos” (FAJARDO, 2015, p.56). Assim, diante desses episódios, não foi possível que os missionários continuassem na igreja Batista, ocorrendo, portanto, uma ruptura. De acordo com Fajardo (2015, p.66): “A princípio, o profetismo dos missionários não propunha uma ruptura com os dogmas essenciais da Igreja Batista. Pregavam uma nova experiência bastante difundida nos Estados Unidos. Neste sentido, a mensagem era nova apenas no contexto de Belém do Pará”. Frente à atual situação, eles fundaram a Missão de Fé Apostólica em 18 de junho de 1911, com alguns irmãos que foram disciplinados pela igreja Batista de Belém; dentre eles estava Celina de Albuquerque, primeira pessoa batizada no Espírito Santo nessa denominação evangélica no território brasileiro. Mais tarde, em 1918 essa denominação passou a se chamar Assembleia de Deus. Esse movimento resultou em uma grande transformação no cenário religioso brasileiro.

A AD teve um crescimento muito rápido; a expansão foi progressiva e o trabalho missionário no século XX ganhou grandes proporções em solo brasileiro. Alencar (2000, p.63) informa que “a Assembleia de Deus iniciada em 1911 no Pará, chega em 1914 ao Ceará, em 1915 a Alagoas e em 1916 a Pernambuco e Amapá e, em 1924, alcança o R.G. do Sul. Nos seus vinte anos alcançou todo o país. A disseminação da igreja é desordenada, aleatória, acidental, mas persistente”. Observa-se que a crise da

em que estavam inseridos eles faziam a ponte com a espiritualidade. Entendiam que os propósitos salvíficos de Deus se estendiam para além do indivíduo. Cf. (OLIVEIRA, 2012).

borracha³ no norte do país foi um dos fatores que contribuíram para expansão assembleiana acontecer. Ao comentar essa questão, Alencar (2000, p.67) diz:

Até 1918 a borracha é o segundo produto mais importante no Brasil, representando em 1910, auge da produção, 25,7% das exportações. A partir daqui declina, quando a Ásia entra no mercado, pois, em 1910, detém 13% da produção mundial, mas em 1915 chega a 68%. A Região Amazônica, que de 1890 a 1900 teve uma migração líquida de mais 110 mil pessoas vindas principalmente do Ceará, a partir de então tem um retraimento de extração de borracha. Os missionários suecos chegam no início da queda de produção. Há, de agora em diante, todo um processo migratório de retorno para seus Estados de origem - e a mensagem pentecostal os acompanha!

Diante desse processo migratório de retorno à sua terra natal, aqueles que buscavam uma vida melhor no Norte do país, em sua maioria seringueiros e pessoas pobres, levaram consigo a mensagem do evangelho de Jesus Cristo aprendida em Belém do Pará. Isso foi o essencial para o crescimento da Assembleia de Deus, e nesse contexto, esse se consolidou como o principal movimento religioso evangélico autóctone⁴, que de acordo com Paula (2013, p.52):

A maioria dos que iniciaram a evangelização das regiões em destaque, e alguns que organizaram igrejas, chegando a presidi-las, como líderes e pastores por alguns anos foram os brasileiros. Mesmo com a chegada de missionários enviados pela Missão Livre Sueca, os quais vão assumir posições importantes em algumas igrejas e no movimento após 1920, são os líderes nativos que propagam a mensagem, por isso se fala no movimento assembleiano brasileiro, como um movimento religioso autóctone.

Fajardo (2000) também comenta que “a expansão aleatória do movimento está de acordo com a fundamentação teológica do pentecostalismo, onde o Espírito Santo é dado a todos, sem distinção, fazendo de cada participante um pregador em potencial”, o mesmo autor ainda sustenta que “a necessidade do preparo intelectual para tal tarefa não é tão urgente quanto à necessidade de que o maior número possível de pessoas chegue

³ De acordo com Cruz (2018): “O Ciclo da Borracha corresponde ao período da história brasileira em que a extração e comercialização de látex para produção da borracha foram atividades basilares da economia. De fato, ocorreram na região central da floresta amazônica, entre os anos de 1879 e 1912, revigorando-se por pouco tempo entre 1942 e 1945. Neste período, conhecido como *Belle Époque* Amazônica que vai de 1890 a 1920, cidades como Manaus, Porto Velho e Belém, tornaram-se as capitais brasileiras mais desenvolvidas, com eletricidade, sistema de água encanada e esgotos, museus e cinemas, construídos sob influência europeia. Contudo, os dois períodos de ‘ciclos da borracha’ acabaram de maneira repentina, o que se agravou pela falta de políticas públicas para desenvolvimento da região.”.

⁴ Autóctone - Pessoa que nasceu na região ou no território em que habita.

ao conhecimento das verdades pentecostais” (FAJARDO, 2000, p.74). Diferentemente das demais comunidades religiosas existentes nesse período em solo brasileiro, a AD trazia características de uma igreja brasileira e popular. Nas palavras de Alencar (2013, p.17) pode-se observar tal fato, pois “a Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? Brasileiríssima. Ela pode não ser “a cara” do Brasil, mas é um retrato fiel”.

Entende-se que no solo brasileiro a AD assumiu o protagonismo do movimento pentecostal, pentecostalismo clássico⁵ de acordo com Freston (1993). Tal movimento possuía características peculiares em relação a missões influenciando outras igrejas evangélicas no pentecostalismo brasileiro que vieram depois. De acordo com Oliveira (2020, p.326) “também é digno de nota que a urgência missionária no pentecostalismo tem a ver com sua perspectiva escatológica, da crença na volta iminente de Cristo na forma de arrebatamento, instaurando uma realidade apocalíptica”. A experiência pentecostal vivenciada pela denominação ainda permanece e impulsiona o crente a ser uma testemunha, tendo ela a liberdade de se expressar por meio do Espírito Santo. Assim, Oliveira (2020, p.326) afirma que:

A dimensão do testemunho empodera o cristão e a Igreja para dar testemunho, mas, sobretudo, para ser testemunha (gr. *mártiras*, “mártir do evangelho”). Trata-se de um envolvimento pessoal e existencial com a missão. Ser testemunha do evangelho é ir além do ato de testemunhar da fé, porque faz mais do que “falar sobre”, há uma irradiação da fé e da presença do Espírito por meio de uma vida cristã coerente com os valores do Reino.

A expansão da igreja AD foi contemporânea de uma grande transformação no cenário cultural e econômico na sociedade brasileira. Fajardo (2015, p.154) expressa que “as Assembleias de Deus chegaram a São Paulo na década de 1920, quando a cidade começava a projetar as bases que a colocariam na dianteira do surto industrial das décadas seguintes, caminhando, portanto, paralela a todo este processo”. Na mesma

⁵ Cf. Freston (1993, p.66): “O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910), e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas tem o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente, como a igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início dos 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma inovação atualizadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo.”.

perspectiva, assegura que “assim, se a cidade foi o ‘olho do furacão’ da industrialização brasileira, as Assembleias de Deus acompanharam de perto este turbilhão de mudanças, que no caso do Brasil teve características singulares”. A denominação teve uma adaptação rápida, do ambiente rural para o urbano; Fajardo (2015, p.7) chega a dizer que “assim, a Igreja que nasceu na cosmopolita Belém do início do século XX, desenvolveu-se inicialmente no ambiente rural do Norte e Nordeste brasileiros, no entanto, assistiu seu maior crescimento durante o processo de urbanização e industrialização do Brasil, acentuado principalmente a partir da década de 1950”. A população brasileira até esse período era de maioria rural. Com o processo de migração, em decorrência de novas oportunidades em grandes centros, ocorreu o chamado êxodo rural. Jooma (2017, p.64) comenta que “em 1940, de cada 100 brasileiros, 69 viviam no campo. Isso significa que a maior parte da população era rural. A população urbana ultrapassou a população rural no período de 1960 a 1970”. Hoje, os números dessa população urbana são consideráveis, e Passos (2000, p.122) explicita que “o Brasil é hoje um país urbano e metropolitano. Calcula-se que 85% de sua população viva nas cidades. Aumenta sempre mais o número de cidades regionais com o índice populacional em torno de um milhão de habitantes”. Observa-se que em pouco tempo, São Paulo estava sofrendo mudanças pela urbanização e industrialização. Fajardo (2015, p.154) declara que “embora a complementariedade dos processos de industrialização e urbanização já tivesse sido observada em outros contextos (no caso da Inglaterra, por exemplo, ainda no século XVIII), em países como o Brasil o que chama a atenção é a velocidade desta urbanização”.

Com a rapidez da urbanização também vieram os problemas sociais, surgindo as periferias, e nelas os mais pobres eram abrigados; as ADs, assim, se tornaram lugares em que essas pessoas mais desfavorecidas encontravam esperança e senso de dignidade. Sobre isso, Fajardo (2011, p.188) afirma que “na observação das práticas pentecostais entre os migrantes na periferia não deve deixar de ser levado em conta o papel que as igrejas desempenham como redes sociais que contribuem para a aquisição de capital social por parte daqueles que delas se aproximam”. O autor complementa com a ideia que “em locais onde o estado está menos presente, outras instituições ganham um papel de importância na inclusão socioeconômica de populações segregadas”.

A AD em sua proposta missionária, de ser guiada e agir segundo o Espírito Santo, difundiu seu potencial missiológico em comunidades periféricas com uma comunicação inteligível a todos. Oliveira (2020, p.327) fala que “outra dimensão missional

potencializada pelo agir do Espírito é a capacidade de comunicar-se, pelo uso de linguagem adequada/inculturada e pela efetiva convivência de caminhada com os pobres, que permitem entrar em diálogo e ter comunhão mais profunda”. O mesmo autor ainda diz que “participando dos anseios do mundo e tendo uma abordagem mais holística, a fé torna-se mais presente. A quantidade de pequenas congregações e a vida comunitária partilhando angústias e limitações, especialmente nas periferias do mundo, tem sido um meio eficaz de comunicação”. Portanto a mensagem comunicada aos seguidores era que o sofrimento estava ligado com a vida cristã, e que após a passagem por essa existência o fiel será recompensado na eternidade. Nas palavras de Bandeira (2020, p.92) “não havia nada que justificasse a ideia de que a pobreza estava relacionada ao castigo de Deus e ao pecado individual.” Nesse âmbito o autor acredita que seja possível que “aqui se tenha a chave do sucesso dos pentecostais nesses primeiros anos: não importa a condição econômica, Deus está de braços abertos para lhe receber e perdoar os seus pecados”.

3 AVANÇO EM TEMPOS DE SECULARIZAÇÃO

Durante o século XX o processo de industrialização e urbanização se tornou uma realidade em solo brasileiro, mesmo que tardio⁶. Nesse ínterim, o surgimento da secularização era algo iminente e que poderia atrapalhar o avanço das ADs. Porém, na perspectiva do comportamento social e cultural, a denominação conseguiu se adaptar às novas demandas trazidas com os novos tempos. Oliveira (2012, p.625) endossa que o movimento pentecostal é dinâmico, tendo uma capacidade de adaptação ao lugar em que está e “essa pluralidade contextual mostra que o pentecostalismo enfrentou a realidade a partir da diversidade. Isto é, não buscou uniformizar a experiência. Mas a partir de uma experiência comum a todos, abriu espaço para espiritualidades diversas, com práticas e cultos também diversos”.

A secularização é um processo histórico, um acontecimento natural ao homem e à sociedade. Para Cox (1971, p.31), “a secularização implica um processo histórico, quase que certamente irreversível, no qual a sociedade e a cultura são libertas da tutela do controle religioso e de concepções metafísicas rígidas do mundo”. O renomado autor

⁶ É um modelo de industrialização que ocorreu, principalmente, em países subdesenvolvidos e emergentes. Na América Latina, por exemplo, esse modelo se deu a partir de 1950. A industrialização tardia caracteriza-se, principalmente, pela instalação das multinacionais e pela dependência de empresas estrangeiras.

em uma visão ampla define secularização como sendo “a libertação do homem da tutela religiosa e metafísica, a volta da sua atenção dos outros mundos para este” (COX, 1971, p.27). Embora o termo secularismo seja semelhante à secularização, há uma distinção e é mister frisar ser eles termos diferentes para Cox. Ele define secularismo como “o nome para uma ideologia, para uma visão fechada de mundo, que funciona muito semelhante a uma nova religião” (COX, 1971, p. 31).

A secularização se apresenta em espaços urbanos e se beneficia com o crescimento dos grandes centros. Nesse contexto o processo migratório, que é o deslocamento de massas populacionais de um lugar para outro, fica evidenciado as mudanças de perspectivas e atualizações na sociedade quanto ao estilo de vida social e cultural. Cox (1971, p.62) faz a seguinte análise sobre as mudanças trazidas pela secularização:

A sociedade moderna tende para uma mobilidade acelerada. A tecnologia fecha as lojas dos sequeiros e abre os laboratórios eletrônicos. A industrialização não somente atrai as pessoas para foradas fazendas e para dentro das cidades grandes; mas invade, também as fazendas, transformando-as em fábricas de alimentos, e provocando uma rápida diminuição do número de mãos necessárias para o trabalho. A cidade moderna é um movimento de massas. Tem sido descrita por um escritor como uma espécie de área de estágio, onde as pessoas fazem uma pausa nos seus movimentos complexos de um lugar para outro. Não só migramos entre cidades, procurando melhorar a vida, mas dentro das cidades, em um local mais conveniente e adequado.

Sobre esse movimento de deslocamento de massas, a partir de uma análise geral, Cox (1971, p. 65) afirma que “a mobilidade é sempre uma arma para os menos privilegiados”. No processo migratório brasileiro não foi diferente, pessoas menos favorecidas se mudaram para os grandes centros, no início da industrialização e urbanização, em busca de uma vida melhor, e o lugar que os cabiam eram as periferias. Fajardo (2015, p.116) comenta que “nesta época os migrantes que chegam são ‘empurrados’ para as regiões ainda mais distantes do centro da cidade e a periferia se expande”. Assim, as ADs se estabeleceram com predominância nesses lugares periféricos e, através de suas atividades evangelizadoras, oferecendo respostas às necessidades individuais. Dessa maneira, a denominação se adapta aos desafios da secularização, mas sem deixar de pregar a salvação aos perdidos. Alencar declara algo relevante acerca do avanço das ADs no contexto urbano brasileiro:

Nunca teve um órgão nacional de estratégia, mas alcançou o país em vinte anos; nunca teve organização, mas é a maior igreja evangélica do país; nunca teve teólogos e/ou

eruditos, mas foi a que mais cresceu; neste período, não havia nenhuma escola de formação de obreiros, mas proliferou mais que qualquer outra; sempre foi periférica e marginal, mas alcançou os pobres e simples como nenhuma outra. Ela incorpora como “bênção” todas as críticas (alienação política, conservadorismo, atraso, etc.) que lhe são dirigidas.

No ambiente em que ocorre tais transformações por meio da secularização, fica evidente o estilo de vida urbano, e nele, o processo de secularização tem suas particularidades. Cox (1971, p.73) sintetiza essa afirmativa quanto à maneira de viver na cidade, e afirma que “a palavra estilo se refere, aqui, à maneira pela qual a sociedade projeta sua autoimagem e organiza os valores e símbolos pelos quais vive”. Ele, portanto, defende que duas maneiras são percebidas no ambiente em secularização:

Dois motivos em particular caracterizam o estilo da cidade secular: o pragmatismo e a profanidade. Empregamos estas palavras correndo o risco de confusão, de vez que para muitas pessoas pragmatismo quer dizer um movimento específico da filosofia norte-americana e profanidade significa apenas linguagem obscena. Ambas as acepções são, contudo, derivativas, e é nosso intento aqui chamar atenção para seu sentido original (COX, 1971, p.73).

O pragmatismo assume um papel importante nesse processo de secularização, pois dita ordem a um posicionamento prático e racional quanto à funcionalidade das coisas. Da mesma forma, organiza as resoluções de problemas no aspecto humano, que, por sua vez, deixa de buscar ajuda no mundo metafísico. Cox (1971, p.74) define esse pragmatismo como:

O interesse do homem secular pela questão “Vai funcionar? ”. O homem secular não se ocupa muito com os mistérios. Está muito pouco interessado em qualquer coisa que pareça resistir à aplicação da energia e inteligência humanas. Julga as ideias, conforme o dicionário sugere com a sua definição por pragmatismo, pelos “resultados que conseguirão na prática”. O mundo não é visto como um sistema metafísico unificado, mas uma série de problemas e projetos.

Falar de Deus, fazer o evangelho de Cristo ser proclamado em uma ação de propagação do reino dos céus ao homem secular, não é uma tarefa fácil. Cox (1971), ao abordar essa questão, pondera “se é certo que o homem secular não se interessa mais pelo mistério último da vida, mas sim pela solução pragmática dos problemas específicos, como poderá alguém falar-lhe significativamente de Deus?” (COX, 1971, p.75).

O homem dentro desse processo se torna independente, e passa a se sentir capaz de solucionar os infortúnios que podem vir sobre si, e assim observa o mundo a partir de

sua lente própria. Ao discorrer sobre o homem pragmático secularizado, Cox (1971, p.77) afirma que esse “vê o mundo não tanto como um temível enigma a evocar um senso de solene reverência, mas como uma série de projetos complexos e inter-relacionados que requerem a aplicação de competência”. Na mesma perspectiva pondera que “raramente considera o que chamamos, em geral, de questões religiosas, pois sente que pode enfrentar adequadamente o mundo em seu concurso”. Neste sentido, o homem pragmático se interessa por uma sociedade que tenha uma secularidade autêntica. Sobre esse conceito, cabe esclarecer que “uma secularidade autêntica exige que nenhuma visão de mundo, a nenhuma tradição e nenhuma ideologia seja permitido se transformar na visão oficial e intolerante com referência às demais. Esta situação, por sua vez, requer instituições pluralísticas, tanto como políticas sociais” (COX,1971, p.83).

A transformação social e cultural tem grande influência sobre o homem. Cox (1971) afirma existir três transformações são percebidas na história da humanidade: mítica, ontológica e funcional e explica que “essas três eras, com as suas maneiras respectivas de captar a realidade, são correlatadas ao que chamamos de era tribal, era da cidade pequena e era da cidade tecnopolitana, cada uma das quais com sua *manière d’être* (maneira de viver)” (COX, 1971, p.77). Logo, o homem pragmático se situa na era funcional, em que a questão religiosa tem se tornado irrelevante. Cox (1971, p.83) esclarece que:

Não devemos desanimar ante o fato de que cada vez menos pessoas estão levantando questões normalmente chamadas de “religiosas”. O fato do homem secular urbano ser incurável e irreversivelmente pragmático, de estar cada vez menos preocupado com as questões religiosas, não é de, de forma alguma, um desastre. Significa apenas que está deixando a pele morta dos períodos míticos e ontológicos, e entrando na era funcional. Está deixando atrás os estilos da tribo e da cidade pequena e está se tornando um homem tecnopolitano.

Outro estilo de vida do homem na cidade secular, de acordo com Cox, é o modo profano. Ser profano é ser deste mundo, onde necessariamente não se precisa de um Deus para ser orientado, porque o homem é responsável por si e suas ações. Para Cox (1971, p.74):

Pro-fane significa, literalmente, “fora do templo” – e assim “tendo que ver este mundo”. Ao chama-lo de profano, não estamos sugerindo que o homem secular é um sacrílego, mas que é um a-religioso. Vê o mundo não em termos de algum outro mundo, mas em termo deste próprio. Sente que em qualquer significação encontrável está neste mundo mesmo. O homem profano é simplesmente um homem deste mundo.

Para uma explicação sobre *ser profano*, Cox usa o exemplo de Albert Camus, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1957. Segundo o autor, “para Camus, contudo, a ausência de Deus não era simplesmente um fato lamentável; era uma realidade necessária” (COX, 1971, p.84). Percebe-se, assim que “rejeitava as esperanças e valores que estendem para além deste mundo como uma traição deste mundo, e, portanto, do semelhante” (COX, 1971, p.84).

O processo da profanidade passa pelo crivo da dessacralização do sagrado. Eliade (1992, p.14) comenta que “é preciso dizer, desde já, que o mundo profano na sua totalidade, o Cosmos totalmente dessacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano”. Na mesma perspectiva, o autor afirma que “para o nosso propósito basta constatar que a dessacralização caracteriza a experiência total do homem não religioso das sociedades modernas, o qual, por essa razão, sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas”. O homem profano na cidade secular relativiza as ações, não se preocupa com o modo absoluto do Sagrado e parte em busca de desmistificar o mundo. Eliade (1992, p.97) explana:

O homem moderno a religioso assume uma nova situação existencial: reconhece se como o único sujeito e agente da História e rejeita todo apelo à transcendência. Em outras palavras, não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana, tal como ela se revela nas diversas situações históricas. O homem faz se a si próprio, e só consegue fazer se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. O sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade. O homem só se tornará ele próprio quando estiver radicalmente desmistificado. Só será verdadeiramente livre quando tiver matado o último Deus.

Diante desses desafios, as ADs se estabeleceram a partir de uma proposta de diaconia na sociedade. Sobre isso, Oliveira (2012, p.623) explica que “a ação do Espírito impulsiona à missão, entendida como a *missio Dei* (a reconciliação de todas as coisas em Deus, em e por Jesus)”. Dessa maneira, essa ação espiritual também é composta por uma “dimensão profética, de confrontação com o sistema mundano, de denúncia da injustiça, de viver diaconalmente. É o mesmo Espírito quem impulsiona essas ações”. Nessa perspectiva, deve-se lembrar da importância que a igreja possua as respostas relevantes para a sociedade, uma vez que “a igreja é, antes de mais nada, uma comunidade que responde, um povo cuja a tarefa é discernir a ação de Deus no mundo e aliar-se à sua obra” (COX, 1971, p.121).

Nesse sentido, a diaconia além do simples serviço. Cox (1971, p.151) diz que a função diaconal da igreja está ligada a cura das fraturas urbanas, pois “a diaconia se refere, realmente, ao ato de curar e reconciliar, tratar das feridas, de ligar o abismo e de restaurar a saúde do organismo. O Bom Samaritano⁷ é o melhor exemplo de diaconia”. Nesse sentido, cabe uma compreensão mais aprofundada das ideias de cura da sociedade, em relação à diaconia da igreja.

Curar significa tornar inteiro, restaurar a integridade e a mutualidade das partes. Para poder curar, a Igreja precisa conhecer, cara a cara, as feridas da cidade. Precisa também saber onde e como essas feridas estão sendo curadas, para poder sustentar o processo da cura. Pois a Igreja não tem, em si mesma, nenhum poder de cura. Simplesmente aceita e abastece as forças de cura que Deus, trabalhando com o homem, libera na cidade. Quais são as principais brechas da era da cidade secular? Onde está processando a cura? (COX, 1971, p.151).

Portanto, essa necessidade de cura, de acordo com o autor, é encontrada quase em todas as cidades modernas. Para Cox (1971) essas lacunas sociais fazem parte do próprio contexto da vida urbana. Assim, nesse caso, a diaconia da igreja e o fervor da fé pentecostal, podem ter facilitado para que muitos marginalizados tenham alcançado a noção de dignidade, após ter contato com a mensagem da Assembleia de Deus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio buscou investigar o avanço das Assembleias de Deus no território brasileiro, que ocorreu de maneira rápida e considerável mesmo em tempos de transformações atribuídas à secularização. Neste caso, avaliou-se que o desafio enfrentado pelas Assembleias de Deus foi grande, contudo superado, possivelmente, pelo dinamismo de seu culto e facilidade em adaptar-se aos diversos modelos sociais.

⁷ “E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo. E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo. Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele; E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar. Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai e faze da mesma maneira.”. (BÍBLIA, Lucas 10: 25-37).

Diante do processo de secularização há a adoção de um estilo de vida pragmático e distante da fé, tendo em vista que a secularização tem por princípio libertar a sociedade e a cultura da tutela do controle religioso. Frente a tais desafios, a Assembleia de Deus buscou a partir da diaconia se aproximar da sociedade, o que culminou neste considerável crescimento.

Há de se observar que parte de seu crescimento se deu nas perspectivas das respostas que propositalmente ou não deu a um grupo de pessoas, que diversas instituições religiosas já instaladas no Brasil não conseguiram proporcionar. Nesse caso, o princípio de urgência missionária, típico do pentecostalismo clássico, defende que todos podem ser capacitados pelo Espírito Santo para cumprir o chamado de apregoação do evangelho.

Assim, a essência da missão ensinada pela Assembleia de Deus pode ser descrita a partir da fé que Jesus pode salvar, curar, batizar com Espírito Santo e que retornará em breve para buscar os fiéis. Por fim, foi possível observar que tal denominação serviu de exemplo para outros movimentos que surgiram no contexto religioso brasileiro.

(Recebido em novembro de 2022; aceito em janeiro de 2023)